

Eternos. Na era da música digital e dos games de alta definição, muita gente reverencia as vitrolas e o bom e velho Atari

Podem ser ultrapassadas, mais ainda dão um caldo

Polaroid, pager, fax, fitas VHS: muitas tecnologias balançam, mas não caem diante de fãs

RAFAEL PORTO
raporto@redgazeta.com.br

■ Videogame ligado, fios conectados, joystick de um botão em mãos e todos os amigos da rua reunidos em frente à televisão. Com dedos cruzados, um último sopro no cartucho, uma reza improvisada e, lá está, o PacMan finalmente voltou a funcionar.

Se você tem menos de 20 anos, provavelmente não entendeu nada deste ritual, muito comum nos anos 1980. O personagem principal é o Atari 2600, criado em 1977, imortalizado na infância dos brasileiros e completamente ultrapassado diante dos consoles atuais.

Mas não é que o velho videogame ainda tem fãs?

Crianças e adultos continuam a jogar Atari e reverenciar seus jogos clássicos em redes sociais – só no Orkut são mais de 1.000 comunidades –, músicas e até mesmo estampas de camiseta.

E não é só o Atari que ainda dá um caldo. Outros objetos ou tecnologias já deveriam estar mortos, mas sobrevivem em função da adoração de algumas pessoas.

O técnico em tratamento de água Eduardo Belmonte, 56, é um desses fãs. Ele possui um canto na casa reservado a tecnologias do passado. “Sou completamente saudosista. Tenho uma coleção de VHS imensa, com mais de 200 fitas. E continuo jogando Mega Drive, Super Nintendo e outros videogames antigos”, diz.

Mesmo com a pressão da família para que aceite coisas novas, Eduardo Belmonte se mantém irredutível. “Minha filha diz que parei no tempo. Curto até hoje as mesmas

bandas e não compro nada novo. Quando compro, é um vinil antigo que ainda não tenho. Demoro a aceitar as coisas novas”, assume.

SEM IDADE

E se você já está pensando que é lógico que pessoas mais velhas sintam falta de tecnologias antigas, reveja seus conceitos. O designer Saulo Pratti, tems 22 anos e sente

muita falta da fotografia analógica. De acordo com o designer, conhecer os objetos do passado é fundamental para projetar o futuro.

“Cada objeto tem uma pequena história para contar, seja pela forma e cor, seja pela sua função, seja ainda pelo valor simbólico ou afetivo que damos a ele. Se não soubermos a história do que veio antes de nós, como podemos pensar nos objetos do futuro?”, indaga Pratti.

ENTRE AMIGOS

Essas histórias que cada objeto conta não saem da cabeça do diretor executivo Gilber Machado, 33. “Acho normal as pessoas venerarem alguns ícones do passado, isso ajuda a expressar um pouco do que elas são

ou os momentos bacanas que aconteceram no passado”, relata Machado.

Parte desses bons momentos eram divididos com amigos e com a família, lembra o consultor em informática Glaucius Mariano, 21. A troca de arquivos pela internet enfraqueceu estes relacionamentos, lamenta o consultor.

“Lembro como era bom falar que tinha um walkman e ouvir músicas no ônibus, ou mesmo dividir e poder pegar emprestado CDs com meus colegas. A ‘era MP3’ acabou com isso em uma velocidade incrível. São coisas que não podemos mudar mas que são legais de lembrar, pois fazem parte do nosso passado”, conclui Mariano.



COLECIONADOR. Eduardo Belmonte e suas relíquias: “Sou mesmo saudosista”

função

“Minha filha diz que parei no tempo. Curto até hoje as mesmas bandas e não compro nada novo. Quando compro, é um vinil antigo que ainda não tenho. Demoro a aceitar as coisas novas”.

EDUARDO BELMONTE

“Um scanner e uma conexão à internet substituem muito bem um aparelho de fax, por exemplo. Telegrama para quem não vive sem a modernidade”.

RAFAEL SILVA

Fãs

1.000 comunidades

■ São registradas por crianças e adultos que continuam jogando o videogame Atari, criado em 1977.

Aí eu pergunto: velharia pra quê?

Ao contrário de quem cultua o passado, há quem não viva sem a modernidade

■ No extremo oposto dos saudosistas, o editor de um site de tecnologia Rafael Silva, 22, vive em função de

celulares de última geração e conexão rápida com a internet. Para o editor, há um culto ao passado sensacionalista demais. “As pessoas se apegam demais ao passado e ao antigo e perdem a oportunidade de aproveitar o novo e o presente”, alerta.

O editor argumenta que a maioria das tecnologias que já saíram de linha foram substituídas por tecnologias melhores e mais modernas, o que é fundamental para a evolução do ser humano. “Um scanner e uma conexão à internet substituem muito bem um aparelho de fax, por exemplo. Telegrama para

quem quando se tem um celular que recebe e envia mensagens?”, questiona o editor.

Confrontado com o grande número de fãs das tecnologias do passado, Rafael Silva foi enfático. “Uma coisa é ficar constantemente revivendo como um gramofone funcionava ou como se discavam números de telefone naqueles aparelhos com rodas numéricas. Esse tipo de comportamento é meio neurótico. Outra coisa é lamentar que a qualidade de som digital atual não é a mesma dos discos de vinil e que telefones com botões são muito complicados”, define Silva.



MODERNO. Rafael Silva vive em função de novas tecnologias. “As pessoas se apegam demais ao passado e ao antigo”, diz

GILDO LOYOLA